



Após muito debate, uma decisão madura

Mais de cinco mil trabalhadores participaram das 82 assembleias realizadas pelo Sindieletro, Senge, Sintec e Sindicato das Secretárias em todo o Estado para avaliar a proposta apresentada pela direção da Cemig. A maioria dos trabalhadores – 53,59% – rejeitou a proposta da empresa, deliberando pela continuidade da negociação.

Para o diretor do Sindieletro, Wolmar Ferreira de Paula, as assembleias fizeram os trabalhadores tomarem uma decisão difícil e, por isso mesmo, foram um espaço de debate político valioso. “Quando votou, o trabalhador estava muito consciente da posição que assumia. O que mais pesou na hora de rejeitar este Acordo foi a retirada de direitos em troca de uma proposta que atende muito mais aos interesses dos gerentes do que dos trabalhadores”, avalia o diretor.

Wolmar destaca que a empresa tentou pressionar a categoria com prazos para fechar o Acordo. “A Cemig pagou para

ver e a resposta está aí. A direção da empresa não quis negociar com os representantes dos trabalhadores, mas não vai poder manter a intransigência nas reuniões para a conciliação do dissídio coletivo na Justiça do Trabalho”. Para o diretor, o momento é de aprofundar o debate e manter a disposição para mais mobilização, até um Acordo que garanta conquistas para todos os trabalhadores.

Na avaliação do diretor de Comunicação e Cultura, Marcelo Borges, as assembleias mostraram que os trabalhadores já entenderam a prática da Cemig. Borges diz que empresa repete sua estratégia usada

em anos anteriores, quando não dá resposta às reivindicações e, ainda assim, provoca a realização de assembleias, apostando no desgaste da categoria, além de utilizar práticas anti-sindicalistas para intimidar os trabalhadores.

“A resistência da categoria, ao rejeitar novamente a proposta da empresa mostra que os eletricitários não estão mais dispostos a assistir, ano após ano, a retirada de direitos pela direção da Cemig. O não à proposta da empresa sinaliza que os trabalhadores exigem respeito e que não abrem mão do direito à negociação coletiva”, avalia Marcelo Borges.



Nossa proposta para retomar a negociação com a Cemig

1 Mudança do salário inicial

Em vez de acabar com a Maria Rosa, os trabalhadores propõem que a Cemig reduza em 16,67% o salário admissional de todas as carreiras, atendendo assim a necessidade alegada pela empresa de ter que reduzir os custos em função da revisão tarifária e primarização. Apesar do sindicato não concordar com esses argumentos, tendo em vista o excelente momento financeiro da empresa, acreditamos que é importante criar uma alternativa para a preservação do nosso Acordo Coletivo.

2 Plano de Primarização

Se os eletricitários abrirem mão de uma parte do salário de quem vai entrar na empresa para colaborar com a Cemig, nada mais justo que a direção da empresa apresente o quadro de primarização que irá adotar a curto prazo.

3 PR Linear em Março

A reivindicação não terá nenhum impacto financeiro a mais para a Cemig e irá reduzir muito a forma injusta de distribuição da Participação nos Resultados. A Cemig já terá premiado muito bem os gerentes e superintendentes com a PRE proporcional, paga em novembro. Dessa forma, o lucro construído por todos será dividido igualmente entre os trabalhadores.

Negociação agora é na mesa de conciliação

Nesta sexta-feira, dia 16, a Justiça do Trabalho promoverá a primeira reunião de conciliação do dissídio coletivo dos eletricitários. A Audiência será realizada às 16h, na sede do Tribunal Regional do Trabalho (TRT), na avenida Getúlio Vargas, em Belo Horizonte.

Os representantes dos trabalhadores e da Cemig estarão reunidos com a juíza Maria Laura Franco de Faria, que intermediará o diálogo entre as partes. A mobilização da categoria é fundamental para fortalecer a negociação e viabilizar a Renovação do Acordo Coletivo de Trabalho.

A audiência é pública e o Sindieletro convida os trabalhadores para a sede do TRT. Vista sua camiseta da campanha, venha com seu uniforme mas não deixe de participar!

Pressão da Cemig faz entidades recuarem

A Campanha de Renovação do ACT começou com uma Pauta de Reivindicações que unificava Sindieletro, Sintec, Sindicato dos Engenheiros (Senge) e Sindicato das Secretárias. Contudo, na última segunda-feira, Senge e Secretárias decidiram aceitar a proposta da Cemig tendo como principal argumento evitar o dissídio coletivo.

“Tudo que os trabalhadores precisam num momento de renovação do ACT é de união e disposição para lutar por suas reivindicações. Disposição a categoria tem demonstrado que não falta. Já rejeitamos a proposta com seus adendos e complementos numa clara sinalização que precisamos voltar a

negociar. Contudo, a união das entidades tem deixado a desejar”, avalia Wilian Vagner, coordenador-geral do Sindieletro.

Para ele, essa divisão, da forma como foi feita, só favorece a Cemig e mostra que é preciso amadurecer o conceito de unificação para as próximas campanhas.

“A Cemig joga o tempo todo tentando ‘dividir para governar’, ou seja, para que alguns sindicatos se deixem levar pela pressão e abandonem o barco antes da hora. Também existe a pressão de gerentes que estão visando somente encher o próprio bolso com quantias vultuosas e se esquecendo que durante todo o ano precisam dos trabalhadores”, comenta Wilian Vagner.

O coordenador-geral do Sindieletro diz que o sindicato insistiu o quanto pôde na negociação direta com a empresa, mas com a instalação do dissídio pela Cemig, irá utilizar a intermediação da Justiça para avançar na negociação.

“A avaliação do Departamento Jurídico do Sindieletro é que na Justiça do Trabalho, dada a conjuntura do país e o bom momento financeiro da Cemig, não há espaço para a retirada de conquista. Mas também podemos enfrentar dificuldades e isso foi dito durante as assembleias e, mesmo com todo o terrorismo da Cemig, os trabalhadores julgaram que valia a pena investir em mais esse instrumento de negociação”, explica Wilian Vagner.

Fotos: Benedito Maia



A Cemig bem que tentou fazer com que os técnicos aprovassem sua proposta através de uma manobra de última hora. Mas os trabalhadores resistiram à pressão, disseram que já haviam votado e reivindicaram ao presidente do Sintec que fizesse sim a assembleia - não para apreciar a proposta da Cemig, mas para votar a continuidade na luta com o Sindieletro. E o feitiço virou contra o feiticeiro!



Aos meus companheiros de Cemig

Não foi preciso procurar muito no dicionário para encontrar uma palavra que definisse bem o que acaba de ocorrer hoje em nossa empresa (ou o que vem ocorrendo há alguns dias): Hipocrisia [Do grego hypocrysis] 1. Afetação duma virtude, dum sentimento louvável que não se tem. 2. Impostura, fingimento, simulação, falsidade. 3. falsa devoção. Fonte: Aurélio Buarque de Holanda Ferreira.

Hoje eu vi o sindicato que representa os engenheiros de Minas, o Senge, uma entidade nobre e representativa ser transformada num sindicatinho. Em nome de um fim de ano gordo, eu vi os engenheiros abandonarem virtudes que são a base de uma sociedade justa: dignidade, lealdade e honra.

Será que o exemplo veio do Congresso, do Senado ou foi do Palácio da Liberdade?

Depois de hoje o que fará a diretoria da empresa com o Código de Posturas e Princípios Éticos? Que fique muito claro que a partir deste momento, nenhum diretor, gerente ou quem quer que tenha participado desta bandalheira ouse cobrar qualquer um daqueles itens. Seria muita hipocrisia.

Decerto que um bom choque de gestão seria demitir toda a diretoria da Cemig, posto que se foram capazes de descer tão baixo como foram, eles já se encontram muito próximos à porta da rua. O atual Código de Ética pode ser jogado no lixo, pois um novo está disponível para os que assumirem os cargos, ele está com a categoria!

Ela que não se vendeu, que não vendeu os direitos dos que estão por vir, que se manteve firme nos momentos mais duros e diante das maiores pressões.

Vivemos um momento difícil, onde aqueles que deveriam zelar pela unidade da empresa e por ambiente de trabalho mais fraterno são os primeiros a legislar em causa própria, a dividir os empregados. A nossa Cemig se tornou uma panela de pressão por conta da incompetência e descaso da diretoria.

O trabalhador se sente traído, mas não desamparado! Sei que muitos dos beneficiados por estas manobras foram contra e ainda o são. Meu protesto não é contra vocês, somos irmão nesta causa e peço que juntem-se a nós.

Quer saber o meu nome? Eu sou aquele trabalhador que veste a camiseta da empresa nas inúmeras horas de risco e de dedicação. Quando é preciso de um rosto para propaganda eu sou sempre lembrado, mas se esquecem de mim na hora da verdadeira valorização.

João da Base



Cinco motivos para não abrir mão da Maria Rosa

1 “Não faça aos outros o que você não gostaria que fizessem a você.”

Essa é a frase colocada pela Cemig diante de cada participante do Comitê de Negociação. Mas tão logo apresentou sua proposta, veio o ataque ao Acordo com a imposição da retirada da Maria Rosa, o que só confirmou a grande distância entre o discurso da empresa e sua prática nas relações de trabalho.

A Maria Rosa não pertence a quem está hoje na Cemig, mas sim, a todos os eletricitários. A gratificação faz parte do Acordo Coletivo de Trabalho que levou décadas para ser construído.

Em 1966 a Maria Rosa começou a ser paga e se tornou uma conquista garantida no Acordo Coletivo de 1974. Portanto, não é justo que os trabalhadores de hoje aceitem a retirada de um direito que eles próprios se beneficiaram quando chegaram na Cemig.

2 Seu emprego está ameaçado, não tenha dúvida.

Em um futuro muito próximo você será um trabalhador caro, que tem anuênio e Maria Rosa. Sem a Maria Rosa, um trabalhador recém-contratado já entra na empresa com custo 16,67% menor. Ao longo dos anos, esse custo é rebaixado, uma vez que este trabalhador também não terá anuênio. Hoje, em média, temos direito a 18 anuênios. Depois de alguns anos, este custo então será, no mínimo, 50% menor, considerando também os encargos trabalhistas. Você acha que a Cemig vai pensar duas vezes para substituir os trabalhadores que custam “mais caros” por outros mais “baratos”?

3 Com o fim da Maria Rosa, estarão consolidadas dentro da empresa duas classes de trabalhadores.

Isso significa poucas chances de haver união e solidariedade entre os eletricitários. Como vão se sentir os novos trabalhadores sabendo que seus companheiros mais antigos lhe tiraram o direito à gratificação? Além disso, quem hoje vende um direito alheio será a minoria amanhã, tendo em vista as aposentadorias e os PDI's que a Cemig planeja para o futuro. Quem sabe daqui um tempo a Cemig não vai propor (de novo) a retirada dos aposentados do Prosaúde? Quem você espera que te defenda? Buscando na nossa história e de outras categorias, verificamos que tudo que os trabalhadores conquistaram até hoje foi fruto de lutas coletivas. É por isso que a Cemig quer tanto a divisão da categoria.

4 Haverá, negativamente, grandes impactos financeiros para o Prosaúde dos trabalhadores da ativa e dos aposentados.

Ou seja, vai doer no bolso de todo mundo quando a Forluz mostrar que a receita do Plano de Saúde estará em queda livre por causa do aumento no número de participantes com contribuições bem menores que as do pessoal mais antigo. Isso porque a contribuição do trabalhador para o Prosaúde é baseada na sua remuneração global, que inclui a Maria Rosa e o anuênio. E quem cobre o déficit é o trabalhador. Aliás, um déficit que já vem sendo cobrado mesmo com a Maria Rosa. Em 2005 a mensalidade do trabalhador ao Prosaúde sofreu um reajuste considerável e foi criada a 13ª contribuição.

5 Não há motivo para a Cemig reduzir qualquer direito dos atuais ou futuros eletricitários.

A saúde financeira da empresa vai bem, obrigado. Primeiro, porque de janeiro a outubro deste ano a Cemig já registrou um lucro acumulado de R\$1,468 bilhão, valor 31,95% maior que o lucro apurado no mesmo período de 2006. Segundo, o argumento de que em 2008 haverá a revisão tarifária e, em consequência, haverá queda no faturamento da Cemig não se sustenta porque o modelo tarifário praticado no Brasil é de incentivos e prevê que, ao final de um ciclo, os ganhos de produtividade e eficiência das empresas do setor serão em parte repassados para os consumidores. Se existe a necessidade de adequação financeira, a empresa deveria reduzir a remuneração dos acionistas, não a remuneração dos trabalhadores que no dia-a-dia constroem seu lucro.

Tire suas dúvidas sobre os argumentos da Cemig para o fim da gratificação

✓ POR QUE A CEMIG QUER TANTO EXTINGUIR A MARIA ROSA?

Porque a atual direção da empresa trabalha visando aumentar o lucro dos acionistas. Eles são a prioridade maior. Então, o que eles puderem fazer para reduzir a folha de pagamento eles farão. Há cerca de 17 anos, a folha da empresa representava 30% de seu faturamento, hoje só representa 10%. Em contrapartida, em 2006 a empresa distribuiu a seus acionistas 80,4% dos dividendos. Em 2005 a distribuição foi de 103% do lucro.

✓ A REVISÃO TARIFÁRIA PODE ESTAR LEVANDO A EMPRESA A TOMAR ESSA ATITUDE?

Não. A Cemig tem dinheiro em caixa suficiente para absorver esse impacto. Além disso, como o próprio nome diz, é uma revisão. Isto é, a Cemig até agora cobrou uma tarifa maior do que deveria e a partir do ano quem vem terá de rever esse valor. Portanto, não existe uma diminuição da tarifa, mas uma adequação. O cenário posto pela Cemig, de “preocupante”, não existe. Perder, a empresa não vai perder nunca, mesmo porque o próprio modelo de política tarifária garante incentivos e a concessionária vem acumulando ganhos atrás de ganhos com produtividade, eficiência e agregação de valores com a aquisição de novas empresas, sem falar que os reajustes das tarifas acumulados no período de 1995 a 2006 foram de 469%, contra uma inflação de 112% (INPC), medida no mesmo período.

✓ A CEMIG TAMBÉM DIZ QUE TERÁ QUE CONTRATAR MUITA GENTE EM FUNÇÃO DA AÇÃO CONTRA A TERCEIRIZAÇÃO MOVIDA PELO MINISTÉRIO PÚBLICO DO TRABALHO. ISSO É VERDADE?

Mais cedo ou mais tarde isso terá que acontecer porque a diretoria da Cemig está agindo contra a lei. Mas entre o que a Cemig diz e o que ela realmente irá fazer existe uma grande distância. Ao mesmo tempo que usa esse argumento para retirar a Maria Rosa, os representantes da Cemig na negociação não concordaram em traçar um planejamento para o fim da terceirização. A resposta foi clara. “Vamos esperar a decisão da Justiça” – e como todo mundo sabe, a Cemig vai usar uma série de medidas jurídicas para retardar a sentença. Além do mais, a empresa tem um lucro que permite absorver também esse custo. Até porque vai economizar muito com o fim da terceirização: terá menos retrabalho, menos ações na justiça, menos indenizações, dentre outras economias.

✓ A EMPRESA NÃO APRESENTOU NENHUM DADO PARA JUSTIFICAR A RETIRADA DA MARIA ROSA DO NOSSO ACORDO COLETIVO?

Não, nenhum. Várias vezes os diretores do Sindieletr pediram aos representantes da Cemig para demonstrar através de números ou projeções, a necessidade de avançar sobre a remuneração dos trabalhadores. Nada foi apresentado. Na última reunião de negociação, o diretor Marco Antônio da Cunha chegou a pedir aos sindicalistas que confiassem nele. Nada pessoal, mas a relação entre trabalhadores e empresa tem que ser preto no branco. Também fica difícil confiar numa direção que descumpra a lei, que forja resultados em enquetes programadas, que coloca os gerentes para tumultuar as assembleias dos trabalhadores.

✓ POR QUE CHEGAMOS A UM IMPASSE? QUEM ESTÁ SENDO INTRANSIGENTE?

Os dois lados estão sendo intransigentes, um para o bem dos trabalhadores, outro para impor enormes prejuízos à categoria.

O Sindicato está sendo intransigente na defesa do interesse dos trabalhadores atuais e futuros. A retirada da Maria Rosa para os novos trabalhadores é uma injustiça pois não existe motivo financeiro que justifique isso. Os atuais trabalhadores da Cemig também terão um grande prejuízo futuro, como já foi demonstrado na matéria “Cinco Motivos para não abrir mão da Maria Rosa”.

A Cemig está sendo intransigente para defender os interesses dos acionistas e seguir a cartilha neoliberal. Nela está escrito que é preciso ter menos gente trabalhando para se gastar menos com a folha de pagamento e maximizar o lucro dos acionistas. Como a Justiça determinou o fim da terceirização, a Cemig trabalha com a lógica de pagar salários e benefícios os menores para os trabalhadores e assim sobrar mais dinheiro para os acionistas.